

abordagem, Luís Carmelo não descarta a sustentação dos seus argumentos. Na verdade, para todos os elementos des-criminados, o autor colige um conjunto significativo de excertos dos romances, verdadeiramente elucidativos sobre as questões apresentadas. Trata-se, pois, de um estudo conhecedor dos procedimentos narrativos, mas que não faz deles o objetivo do seu discurso, antes reivindica uma liberdade interpretativa, um discernir revelador verdadeiramente conseguido. É ainda uma crítica estimulante porque, sendo opinativa, suscita questões, permite que o leitor se interrogue, abrindo-se ao diálogo crítico, interpelando o seu leitor e obrigando-o a pensar contra ou com ele.

*Maria João Simões*

**UMA RAZÃO DIALÓGICA. ENSAIOS  
SOBRE LITERATURA, A SUA  
EXPERIÊNCIA DO HUMANO  
E A SUA TEORIA  
MANUEL GUSMÃO  
Lisboa, Edições Avante, 2011  
92 páginas, ISBN 9789725503867**

Este livro de Manuel Gusmão apresenta mais uma voz a irmanar-se a tantas outras que, na última década do século passado e primeira do século XXI, se têm dedicado a uma importante reflexão sobre a literatura, a sua teoria e o seu ensino. É certo que nem o título aponta exatamente um trajeto por esta ordem nem o texto trata diretamente, à exce-

ção do referente ao cânone, do ensino da literatura, mas não será fora de razão admitir que ele está subjacente àquilo que o autor pensa e neste livro escreveu. Se o teorizador da literatura e o escritor afirmam deliberadamente a sua presença, o leitor atento não esquecerá também o professor universitário que une harmoniosamente as duas vertentes, colocado como está em nítida vantagem para defender a teoria da literatura.

Em situação privilegiada, foi afirmada, porque, sendo Manuel Gusmão o poeta que se conhece, ele não corre o risco de ser entendido como produtor de um discurso segundo, parasita da obra alheia, rival da arte que a literatura é. Não sendo o “autor falhado” que muitos ainda acreditam ser o crítico, ele pode livremente defender sem complexos nem receios as suas posições frontais. Neste aspeto, é de sublinhar a sua descomplexada defesa da teoria literária enquanto precioso instrumento para um melhor conhecimento da literatura, como exemplarmente mostra o texto intitulado “Da resistência à literatura”, onde nitidamente ecoa o título de Paul de Man, *A resistência à teoria*, bem como a crítica que dedica a vários autores contemporâneos.

A secção B, onde o referido texto se insere, toda ela contendo reflexões sobre a teoria e a crítica literárias, alberga outros estudos que não apenas refletem o pensamento teórico do autor sobre o sistema literário numa perspectiva global, como lançam ainda as bases que o orientam na leitura dos auto-

res a que se dedica nas secções C e D: Maria Gabriela Llansol, Maria Velho da Costa, José Saramago, Nuno Bragança, Luís de Sousa Costa e Óscar Lopes. O fato de este professor fazer parte do elenco, a par dos nomes de escritores consagrados, revela ainda uma tendência para o exercício da metacrítica e da reflexão metateórica, o que ele faz com excelente apetrechamento teórico. Todavia, esta escolha nunca verdadeiramente se desvia do rumo traçado na pesquisa do humano através da arte e na consequente historicidade do homem e da literatura, curiosamente representada em autores aparentemente bem distantes nas suas opções estéticas, como sejam Maria Velho da Costa, Maria Gabriela Llansol, José Saramago ou Nuno Bragança, mas que vão sendo confrontados e aproximados, nomeadamente na pesquisa do humano que, por caminhos diversos, cada um daqueles autores procura.

Bem apoiado em nomes de referência quanto à célebre polémica por ou contra a teoria, desencadeada e protagonizada, no primeiro sentido, por Michaels e Knapp, e socorrendo-se, para apoio da sua argumentação em favor da teoria, de nomes consagrados que vão no mesmo sentido, conclui pela defesa da inseparabilidade de teoria e prática, ao contrário daqueles dois autores, que entendiam ser dispensável a primeira. Numa atitude de moderação, Manuel Gusmão vai acumulando argumentos e seguindo outras fontes de vozes autorizadas e mais consentâneas com os seus

pontos de vista. Gadamer é um daqueles em quem pôde encontrar o desejado conforto, oferecendo-lhe a pergunta (“Far-se-á uma distinção correcta de teoria e *praxis*, quando se consideram somente a partir da sua oposição?”) que faz desencadear uma previsível resposta (sem dúvida, afirmativa). Poderia ter acrescentado outros, como o de Robert Scholes, segundo o qual “a prática sem a teoria é cega” e precisamos da máxima luz neste tempo de domínio da hermenêutica niilista.

Nestas suas considerações a favor da teoria, acrescenta ainda outra razão menos invocada, mas reconhecida: a da presença recorrente de uma dimensão teórica na própria literatura, como nos foram ensinando muitos textos literários ao longo dos tempos.

Pedindo de empréstimo um título do autor (“Da poesia como razão apaixonada”), diremos que à sua relação com a literatura propriamente dita, na dupla faceta de poeta e de estudioso, subjaz sempre “uma razão apaixonada”. Aliás, a ideia de “a literatura enquanto configuração histórica do humano”, que dá o título a um dos ensaios inseridos no livro, é um dado mais a comprovar o tipo de relação que ele detém com a literatura. Não nos parece que Manuel Gusmão vá, com a sua mensagem de alerta, converter aqueles para quem a literatura não constitui um discurso privilegiado no meio das outras práticas discursivas sociais, mas também é de acreditar que não terá sido esse o seu intuito. O autor quis falar do que

lhe interessa como docente universitário e como escritor e, a visar cúmplices, cremos que virão em primeiro lugar os seus colegas de profissão, que lerão os seus textos com satisfação e proveito.

Fazendo um percurso teórico-crítico que passa em revista os grandes problemas que ocuparam a teoria literária ao longo do século XX e que, de um modo geral, continuam a ocupar-nos, o autor reflete sobre a, sempre pertinente, questão de uma (im)possível essência da literatura e do inescapável conceito de literariedade segundo o formalismo russo e a (ao tempo) afortunada teoria jakobsoniana da função poética da linguagem, sobre as funções da literatura, sobre os tão debatidos problemas da autoria e da morte do autor. Tudo isto apoiado numa ideia de literatura como “representação do humano”, onde se harmonizam o professor de teoria da literatura que o escritor foi e o estudioso e o poeta que o autor é.

Seguindo a lógica da argumentação despendida ao longo dos vários estudos, vem a reflexão sobre o cânone, aplicada, no caso em apreço, aos ensinamentos básico e secundário. Assim, “O cânone no ensino do português” parece vir na sequência das públicas discussões sobre a retirada de autores canónicos dos programas escolares e conseqüente empobrecimento da literatura, o que leva à questionação da sua legitimidade e do respetivo nivelamento que a coloca a par das outras práticas discursivas sociais.

Sem a veemência de um Vasco Graça Moura sobre o mesmo assunto, Manuel

Gusmão é, porém, firme na sua defesa do cânone e nas recomendações que faz quanto ao modo de o trabalhar, a fim de o tornar um “instrumento necessário à educação literária, enquanto orientação estratégica do ensino da língua materna” (p. 184). Fazendo suas as palavras de Fernanda Irene Fonseca – uma das linguistas que, em nosso entender, melhor tem trabalhado a relação entre a língua e a literatura –, segundo a qual a literatura “é um modelo de exploração e experimentação criativa da língua” e as de Coseriu, para quem “um texto literário é um lugar da plenitude funcional da linguagem”, posição também cara a Fernanda Irene, ele defende o ensino da literatura como arte, como cultura e como história. Acaba, assim, por unir nesta síntese os princípios que, fomos percebendo dos vários estudos que compõem o livro, o orientam como professor e estudioso da literatura e com a qualidade a que ele de há muito nos vem habituando.

*Rosa Maria Goulart*

**EUGÉNIO LISBOA: VÁRIO, INTRÉPIDO  
E FECUNDO: UMA HOMENAGEM**  
**OTÍLIA PIRES MARTINS E ONÉSIMO  
TEOTÓNIO ALMEIDA (orgs.)**  
**Guimarães, Opera Omnia, 2011**  
**438 páginas, ISBN 9789898309204**

“Este livro é um convívio de amigos”, afirma-se na Introdução assinada por Otília Pires Martins e Onésimo Teotónio-